

O VELUDO, O VIDRO E O PLÁSTICO: DESIGUALDADE E DIVERSIDADE NA METRÓPOLE. Baptista LA. Niterói: EdUFF; 2009. 124p.

ISBN: 978-85-228-0521-5

Este livro de Luis Antonio Baptista, *O Veludo, o Vidro e o Plástico: Desigualdade e Diversidade na Metrópole*, editado pela EdUFF em 2009, apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a desinstitucionalização italiana, famosa entre os militantes da luta antimanicomial no Brasil e símbolo de um processo de reforma psiquiátrica considerado muito bem sucedido no mundo inteiro. Logo no *Prólogo*, sabe-se que o estudo teve como base o “*dia a dia*” do autor com egressos de internação psiquiátrica, e no Prefácio somos informados de que pelo menos duas cidades italianas foram visitadas, Ímola e Roma. Em *O Prenúncio dos Objetos*, percebe-se que Roma é onde acontecem as três principais cenas urbanas descritas, entre elas a da paciente psiquiátrica deixando a garrafa de cerveja cair dentro do ônibus. No segundo ensaio, *O Vidro*, sabemos que o pesquisador conviveu com pelo menos nove “*homens e mulheres diagnosticados como crônicos*”, em Ímola, notando que mesmo “*30 ou 40 anos de internação não os fazem desistir de explorar novos territórios*”. Mas é no primeiro ensaio, *O Veludo*, que conhecemos mais acerca da relação entre espaço e subjetividade, premissa da investigação, cujo marco é a “*cidade oitocentista*”, “*insensível, desumana, necessitada de cuidados à luz da razão*”, do mesmo modo que as “*metrópoles do veludo*”, nas quais “*o lar fornece o refúgio dos interiores*”.

Logo em *O Prenúncio dos Objetos*, percebe-se que abordagem deste dia a dia torna-o um cotidiano no sentido que M. de Certeau – citado pelo autor – dá ao conceito: o inverso da rotina, algo cercado de embates e lutas coletivas, muitas vezes imerso em tramas tão atordoantes quanto estimulantes, nunca tranquilizadoras. Assim, a narrativa de uma “*ruiva equilibrista*” entrando no ônibus com uma garrafa de cerveja se destaca, “*crônicas inconclusas*” ocupando espaço quando a queda de sua “*bolsa surrada*” revela seus segredos aos demais passageiros, os “*remédios psiquiátricos*”. A cena urbana descrita faz alusão à formulação foucaultiana sobre a relação entre loucura e obra: “*Ela pega a garrafa, bebe o restante e inicia um discurso incompreensível; embora previsível para os silenciosos passageiros, não o era para a ruiva equilibrista. O discurso inevitável, decretado pela receita psiquiátrica, é apenas uma parte. Frases fortes, caóticas, emitidas da boca molhada, manchada de batom, preenchem o ônibus de incômodo. Pe-*

dações de capítulos da sua obra fragmentada invadem o [ônibus] 409; suplicam por coautores, final mesmo que provisório. Compaixão ou tolerância são recusadas com energia pela contração das rugas da ruiva italiana. Terminar uma obra parece ser o seu desesperado intuito”.

Os resultados desta pesquisa de pós-doutoramento também dizem respeito à própria abordagem dada aos materiais recolhidos durante o ano de estadia na Itália, entre os espaços públicos e domésticos de Roma, entre o táxi que passa pelo bairro de EUR, o ônibus que atravessa a praça Fiume e a faxina na residência do estrangeiro. Ou entre o veludo da saia que o travesti brasileiro veste nas noites geladas do bairro de EUR, o vidro da garrafa de cerveja que a paciente psiquiátrica deixa cair no ônibus durante o calor da tarde de julho e o plástico do saco de lixo utilizado pelo imigrante peruano na residência. O próprio modo pelo qual o autor descreve e analisa a “*vida social dos ex-pacientes psiquiátricos*” – transitando entre os hospícios Lolli e Osservanza em Ímola e as casas – aponta alguns dos “*desafios políticos advindos da presença desses agora cidadãos no cotidiano urbano*”, fazendo que ganhem relevo as “*práticas de poder sobre a diferença nas metrópoles do capitalismo contemporâneo*”.

Uma das contribuições do livro é ressaltar não só as práticas de poder voltadas para egressos de internação psiquiátrica, mas também para “*outros grupos (...) imigrantes, negros, homossexuais*”. A maneira pela qual se lida com aqueles que saem do hospício na metrópole, como outras maneiras de lidar com a alteridade, depende das transformações no capitalismo e das articulações entre política e subjetividade que daí advêm. Se já sabíamos com Foucault – também citado pelo autor – que a doença mental é uma cristalização histórica do fenômeno da loucura, às vezes sedimentado em desatino e mesmo errância, dependendo das épocas e dos lugares, verifica-se que o modo pelo qual se lida com a diferença na cidade também é um assunto com que a abordagem psicossocial do sofrimento humano deve dialogar.

O veludo, o vidro e o plástico comparecem como “*alegorias*”: o primeiro como alusão ao empenho da burguesia “*de ser compensada pela falta de rastros da vida privada na cidade grande*”; o segundo, ao “*olhar que desfaz as asperezas*”; e o terceiro, ao que se considera “*descartável*”. Em *O Veludo*, somos convocados a viver o “*desassossego*” em contraste com a promessa de “*segurança*” nas metrópoles do capitalismo durante o diálogo do “*nós nervoso*”: “*São imagens urbanas perturbadoras, metamorfoses impedoras de repouso ou distração*”. Em *O Vidro*, as “*contingências e inconstâncias*” renunciadas pelos cheiros e barulhos da cidade “*porosa e rugosa*” desfazem a expectativa de “*formas ideais, propagando civismo e introspecção*” daquelas cidades tão “*planas e lisas*” quanto “*eternas e mudas*”, interpellando o monólogo do “*nós dos iguais*”: “*Dissolvendo familiaridades e relativizações culturais, explode a continuidade da história a alimentar-se do esquecimento*

dos restos, detritos, raspas, com suas formas singulares de impertinências”. Em *O Plástico*, o autor sintetiza os dois outros ensaios: enquanto o monólogo do “*nós dos iguais*” é “*soprado pelo vento do mercado de capitalismo fluido*” e faz o faxineiro virar peruano, o diálogo do “*nós nervoso*” é uma fúria que “*interfere na história da América do Sul e na do resto do mundo, transformando-as na imensidão inconclusa de formas e de vozes*”.

Os “*modos antagônicos de contar histórias dos velhos hospícios*”, com seus “*relatos de vitórias triunfais e rotundos fracassos*” são colocados em cheque pela perspectiva teórico-metodológica adotada pelo autor, mais atenta ao uso de utensílios domésticos e outros “*gestos corriqueiros*” dos “*moradores da cidadela dos homens sem corpo*”, sublinhando o alarido das cartas e questionando o silêncio das fotos pregadas aos prontuários médicos: “*Tagarelas, [as vozes] despistam sinais de reconhecimento, sujam ideais, saem do lugar predestinado a ser delas. O barulho daquelas folhas amareladas indica que a história da psiquiatria poderia ser contada de outra maneira, feita por protagonistas ocultos a desviar a retidão de um rumo sempre em frente*”. Assim, outra contribuição do livro diz respeito ao redesenho da abordagem foucaultiana da história da loucura, levando em conta, sobretudo, a contribuição de W. Benjamin e seu modo de pensar “*literariamente e cinematograficamente*”: mais do que outras ciências sociais que também estudam o cotidiano de egressos de internação psiquiátrica, como a antropologia e a sociologia, é com a história que o “*vigor político da alteridade na construção de um mundo por vir*” pode ser colocado em destaque, sem deixar de considerar que “*a cidade acolhia-os*”.

Esta mesma abordagem implica também grandes desafios para a leitura do livro, particularmente para os que aguardam uma apresentação de resultados de pesquisa do tipo clássico, com introdução, métodos, resultados, discussão e conclusão. Personagens, imagens, gostos e cheiros povoam as descrições e análises da vida social no espaço urbano, provocando no leitor uma sensação que talvez seja a expectativa do autor: a inquietação por ter sido interpellado por uma imagem difusa e pouco exata, mas plena de uma “*potência desacomodadora*”.

Martinho Braga Batista e Silva
Fiocruz-Brasília, Brasília, Brasil.
Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Brasil.
silmartinho@gmail.com